

## AS DANÇAS CIRCULARES SAGRADAS E O BAILE DO MENINO DEUS <sup>1</sup>

Álvaro Pantoja Leite <sup>2</sup>

“Quando nasce um menino renasce toda a alegria /  
/ é a esperança de um mundo que com ele se anuncia.”  
(*O Baile do Menino Deus – uma brincadeira de Natal*)

A apresentação de Célia Meira por ocasião da sua prova de qualificação como focalizadora de Danças Circulares Sagradas, inspirou-me uma reflexão sobre três palavras ou ideias-chave, para dizer de uma dimensão que considero fundante, constitutiva de todo tipo de processo formativo que se desenvolva na perspectiva da humanização: o encantamento, a brincadeira e a criança.

Na minha fala tecida em torno dessas três palavras entrelaçadas, tomei como ponto de partida a intencionalidade formulada por Célia para o seu estudo:

levar para o movimento das Danças Circulares Sagradas as danças, brincadeiras e elementos culturais tradicionais nordestinos, presentes na obra *Baile do Menino Deus* ( ... ) um estudo baseado inicialmente na vivência da autora em um contexto amplo de práticas com as danças chamadas folclóricas, especialmente no que se refere à identidade e cultura pernambucanas. (Célia Meira, no texto da apresentação)

### **Sobre o encantamento**

“Deixei-me arrebatado pela vibração das danças populares.”  
(Bernhard Wosien)

A narrativa do percurso histórico de Célia Meira é uma narrativa de encantamento: pela dança, pelas danças populares pernambucanas/nordestinas, pelas danças circulares sagradas. Daí a sua escolha do *Baile do Menino Deus* como tema para um trabalho de pesquisa, reflexão e composição coreográfica, no âmbito das Danças Circulares Sagradas.

No meu próprio percurso histórico, um jovem carioca recém-chegado ao Recife (45 anos atrás), conduzido pela mão do amigo Alcino Ferreira experimentei intensamente tal encantamento, desde o primeiro encontro com as mais diversas expressões artísticas da cultura popular pernambucana: no teatro de Mamulengo, no Boi e no Cavalo Marinho, no Maracatu de baque solto (de caboclos) e de baque virado (nação), no Reizado e no Pastoril, no Frevo e na Capoeira, na Ciranda que durante anos dancei semanalmente no Pátio de São Pedro. Depois, já com minhas filhas – e, mais tarde, com filhas e netos – no Baile do Menino Deus.

Nas Danças Circulares Sagradas, já com 50 anos de idade, compondo o encantamento por essa prática à qual viria me dedicar desde então (na virada do século/milênio), apreciei imensamente a

---

<sup>1</sup> Na banca de qualificação como focalizadora, da aluna Célia Meira, no Curso de Danças Circulares Sagradas, da Escola Livre de Artes – ELA, Goiânia-GO (01 de dezembro de 2020). *O Baile do Menino Deus – uma brincadeira de Natal* é um livro que gerou um espetáculo musical, com texto de Ronaldo Correia de Brito e Francisco de Assis Lima, música de Antônio José Madureira, apresentado publicamente na cidade do Recife no período natalino, desde 1983.

<sup>2</sup> *Álvaro Pantoja Leite* é professor, formador, pedagogo social e arte-educador. Focalizador de Danças Circulares Sagradas desde 2000. Doutor em Ciências da Educação pela Universidade do Porto. Atualmente reside na cidade do Porto- Portugal. Contacto: [alvarpan@gmail.com](mailto:alvarpan@gmail.com).

possibilidade de beber da fonte da cultura musical dançante dos povos, honrando tradições e ancestralidades.

Mas foi com as primeiras músicas e danças – trazidas do folclore, da tradição afro-indígena-ibérica popular e do cancioneiro popular brasileiro – que a minha alma brasileira exultou! Nas coreografias apresentadas por Cristina Bonetti (GO), Cristiana Menezes (MG), Sirlene Barreto (BA) e Lucinha Cordeiro (RJ), percebi o impulso que animou essas mestras, enriquecendo e imprimindo nossas cores no vasto repertório das Danças Circulares Sagradas.

Célia Meira chega ocupando um lugar nessa linhagem de focalizadoras/es, na qual reconheço e celebro também a presença da Esperança Alves, do Guataçara Monteiro e da Lena Mouzinho (Belém-PA), com as danças e as canções, as músicas e as sonoridades da região amazônica brasileira. E a presença da Ana de Jesus e, mais recentemente, do Zecca Jr (Rio de Janeiro-RJ).

Trazer a um texto de cunho mais teórico-reflexivo a experiência vital de “encantar-se” – no caso, a de Célia e a minha própria –, sempre significativa existencialmente, ganha sentido se consideramos, com o poeta Manoel de Barros, “que a importância de uma coisa há de ser medida não por fita métrica ou barômetro, mas pelo *encantamento* que a coisa produz em nós”.<sup>3</sup>

Como integrantes do movimento e praticantes das Danças Circulares Sagradas, nossa inspiração e referência de raiz reflete um conhecimento advindo da própria experiência de quem nos deixou tão precioso legado:

*Deixei-me arrebatado pela vibração das danças populares, contagiado pelo fogo maravilhoso da comunidade, que realmente dava para sentir fisicamente, em carne e osso. Trespasado por esta nova atmosfera sob céu aberto, senti a brisa fresca dos ventos, me abri para o júbilo das vozes e vi os rostos, vi neles suas vidas. ( ... ) Na música e na dança popular eu vivencio a essência de um povo e sua tradução artística. Daí eu posso ler o caráter, a imagem anímica, a vida e seus enraizamentos.*

(Wosien, 2000, p.108 e 109)

## **Sobre a brincadeira**

*“Brincar: o caminho desdenhado.”*  
(Humberto Maturana)

Não é por acaso que o sub-título escolhido por seus autores para o Baile do Menino Deus foi exatamente “uma *brincadeira* de Natal” – e não “um auto de Natal”, como classicamente se denomina, à européia. A linguagem que designa as mais diversas expressões da cultura popular nordestina é bem reveladora do espírito que a percorre: “jogar capoeira”, “começar a brincadeira”, “brincantes”, “mestres de folguedos”, “folia”, “foliões” etc. E tudo isso, como dizem os maranhenses, sendo “pedra de encantaria”.

Logo que iniciei no movimento das DCS, por conta da minha atividade profissional como educador-formador-animador de grupos e organizações de educadores/as populares, comecei a compor frases e parágrafos que dissessem do meu entendimento, como expressões da compreensão que ia tecendo em torno do que vivenciava nas rodas e encontros de dança.

<sup>3</sup> In: Manoel de BARROS, *Livro sobre nada*, 1997.

Uma das primeiras foi essa: “as Danças Circulares divertem, educam e curam”. Daí, fui associando a cada um dos termos, as palavras-ideias que foram me aparecendo como chaves de leitura, quer dizer, como provocadoras, na sua inter-relação, de um pensamento e uma conversa em torno de perguntas como: “O que é para nós dançar em círculo?”; “O que acontece quando damos as mãos e nos pomos a dançar juntos em roda?”

**DANÇAR EM CÍRCULO** tem a ver com ...

<b>DIVERTIR-SE</b>	<b>EDUCAR-SE</b>	<b>CURAR-SE</b>
<b>o Jogo - a Brincadeira</b>	o(s) Saber(es)	o Cuidado
o Bom Humor	a Aprendizagem	a Saúde
<b>Alegria</b>	Conhecimento	Força de Vida

Aqui, quero focar o primeiro aspecto que destaco como fundante da vivência nas DCS, que é o *divertir-se através do jogo ou da brincadeira*; e é também a ALEGRIA que essa experiência provoca e faz emergir. Aprendo com o biólogo chileno Humberto Maturana – autor que, junto com seu colega Francisco Varela, elaborou um campo de pesquisa hoje conhecido como a Biologia do Conhecimento:

Nossa cultura ocidental moderna desdenhou *o brincar* como uma característica fundamental generativa na vida humana integral. Talvez ela faça ainda mais: talvez negue o brincar como aspecto central da vida humana, mediante sua ênfase na competição, no sucesso e na instrumentalização de todos os atos e relações. Acreditamos que para recuperar um mundo de bem-estar social e individual – no qual o crime, o abuso, o fanatismo e a opressão mútua não sejam modos institucionalizados de viver, e sim erros ocasionais da coexistência – *devemos devolver ao brincar o seu papel central na vida humana*. Também cremos que para que isso aconteça, devemos de novo aprender a viver nessa atmosfera. (Maturana, 2004, p.224)

### **Sobre a criança**

*“Há um menino, há um moleque, morando sempre no meu coração /  
/ toda vez que o adulto balança ele vem pra me dar a mão.”*<sup>4</sup>

A fonte dessa alegria vivenciada – seja nos folguedos populares nordestinos, seja nas danças circulares sagradas – é a re-conexão com a CRIANÇA INTERIOR.

A professora/formadora Luciana Ostetto, num capítulo de sua tese de doutorado<sup>5</sup> intitulado *A criança oferece passagem ao professor-aprendiz*, traz-nos uma reflexão sobre a vivência com as danças-brincadeiras de roda, no contexto de um processo formativo com dois grupos de professoras da Educação Infantil:

<sup>4</sup> *Bola de meia, bola de gude*, canção de Milton Nascimento & Fernando Brant.

<sup>5</sup> Publicada em livro: Luciana OSTETTO, *Danças Circulares na formação de professores – A inteireza de ser na roda*, 2014.

Dar passagem à “criança de espírito” significa esvaziar o eu, sacudindo as certezas que impedem a transformação, significa vislumbrar a abertura do mundo. ( ... ) Aquelas danças colocaram aquelas pessoas adultas, via linguagem sem palavras, *frente a frente com a sua criança*. ( ... ) A dança revelou a imensa carga afetiva que envolve o motivo da criança. Por ela foram sinalizados conteúdos afetivos para os educadores tomarem contacto. Conteúdos fortes e delicados, mobilizadores, que talvez não chegassem à consciência de outra forma, quero dizer, pela própria consciência e seu principal instrumento, a palavra. (Ostetto, 2014, p.132 e 133)

Importantes pensadores-autores em diversas áreas de conhecimento – a Filosofia e a Psicologia, a Antropologia e a Biologia – têm se debruçado sobre essa temática. Deles trazemos a compreensão da *infância* como “possibilidade de *experiência*”: como condição mesmo para a existência humana. Experiência como infância. Uma infância que não nos abandona, que insiste em nos acompanhar por toda a vida. “Ela é condição. Não há como abandonar a infância, não há ser humano inteiramente adulto. A humanidade tem um *sôma* infantil que não lhe abandona e que ela não pode abandonar...” (Kohan, 2003, p. 245). A infância conceituada como experiência imprevisível e inesperada. Uma experiência inaugural aberta à novidade, aberta à criação, aberta à transformação: de si mesmo e das relações que se estabelecem na experiência coletiva.

Assim, entendemos que a infância não significa apenas uma etapa cronológica da existência humana. Ela é uma condição para que o próprio ser humano continue a viver: a infância-meninice como “força de vida”. A criança que nos faz lembrar a renovação da vida, que não nos deixa esquecer que viver é se aventurar.

Tomar contacto com o outro lado do ser adulto, entrar em contacto com a criança interna, radicalmente novidade e mistério, pode ser um caminho ( ... ) como um alcançar uma nova capacidade afirmativa e uma disponibilidade renovada para o jogo e para a invenção. (Larrosa, 2003, p.46 e 194)

Carl Jung, reconhecendo a existência do motivo mitológico da *criança* em várias culturas, afirma que “o motivo da criança não representa apenas algo que existiu no passado longínquo, mas também algo presente; não é somente um vestígio, mas um sistema que funciona ainda, destinado a compensar ou corrigir as unilateralidades ou extravagâncias inevitáveis da consciência.” (Jung, 2003, p.163). Contemporaneamente, estudiosos de Jung têm aprofundado essa ideia de um arquétipo da *criança mítica* presente no inconsciente coletivo, apontando para possibilidades sutis e complexas que podem ser acessadas ou ativadas no adulto por essa via:

Dentro do adulto há uma criança que o impele sempre para o novo. O conhecimento do adulto torna-o rígido e fechado com respeito à inovação. Para permanecer emocionalmente vivo, o adulto deve conservar e cultivar o potencial de vida representado pela ingênua abertura e pela irracionalidade das experiências da criança.

(Guggenbül-Craig, 2004, p.96)

Encontramos em Paulo Freire e Giorgio Agamben pensamentos que iluminam os aspectos antropológicos desses questionamentos. Os conceitos de *inacabamento* em Freire e de *infância* em Agamben ajudam a compreender os fundamentos do processo de construção do “si mesmo” humano e, por isto, possibilitam uma crítica radical à vida e aos processos formativos na maneira como têm vindo a ser determinados em nossos dias.

Paulo Freire, “um menino conjuntivo e conectivo”, nos seus últimos anos dizia (re)visitar com frequência os tempos de meninice. E explica: “*Eu acho que uma das coisas melhores que eu tenho feito na minha vida, melhor do que os livros que eu escrevi, foi não deixar morrer o menino que eu não pude ser e o menino que eu fui, em mim.*” (Freire, 2001, p.101). Com ele aprendemos a conceber o ser humano como *incompleto e inacabado-inconcluso*, e, portanto, aberto e educável. Como a criança: um ser de imaginação e de desejo, curioso e aberto para o mundo, que se constrói nas relações com os outros.

A infância pressupõe, portanto, nossa condição de *inacabamento*. Somos seres em permanente processo de constituição do “si mesmo”. Conscientes de nossos limites, desejamos “ser mais”. Assim, reconhecendo-nos como infantes é nos assumirmos inacabados/as, sempre aprendendo a falar e a ser falado/a; é fazer as pazes – sem perder a inquietação – com nossa curiosidade (Freire, 1996), com nossos desejos, paixões, sonhos, nossa imaginação. É re-encantarmo-nos com a própria vida, reconhecendo nela suas alegrias e suas dores, seus limites e suas possibilidades.

(Santos Neto & Paulo da Silva, 2008, p.115)

Assim, infante é todo/a aquele/a que está aprendendo a falar, que está se constituindo como sujeito da linguagem ao dizer “eu”, permitindo-se a *experiência* (Agamben, 2005). A experiência implica abertura ao novo, ao desconhecido, àquilo que é dado a conhecer. *Experiência* é “o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, ou o que acontece, ou o que toca. A cada dia se passam muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, quase nada nos acontece.” (Larrosa, 2002, p.21). É *experiência* aquilo que “nos passa”, ou que nos toca, ou que nos acontece, e ao nos passar nos forma e nos transforma. Como a criança, “somente o sujeito da experiência está, portanto, aberto à sua própria transformação” (*id.*: p.26).

Trata-se de uma lição permanente que nos vem através da vivência da *criança em nós* (com seus símbolos de renovação, renascimento, transformação), tanto nos folguedos populares nordestinos – dos quais o *Baile do Menino Deus* constitui uma expressão eloquente – como nas rodas das Danças Circulares Sagradas.

*A criança, fora de nós e dentro de nós, chama-nos à vida, à reinvenção constante de nós mesmos e do cotidiano. ( ... )* Abrindo-se aos sinais da “criança”, seguindo-lhe as pegadas, sabe-se lá quantos tesouros poderia o adulto descobrir! Retomando as marcas da criança mítica, sua falta de valor inicial e seus feitos miraculosos e salvadores que mais tarde se revelam <sup>6</sup>, teremos um símbolo valioso para a jornada de formação. Por meio dele, razão e sensibilidade, pensamento e sentimento podem juntar-se, *reaproximando o adulto da origem e, quem sabe, transformando a fragmentação em inteireza do ser.* (Ostetto, 2014, p. 121 e 125)

Gratidão ao Baile do Menino Deus. Gratidão aos folguedos e mestres/as da cultura popular nordestina. Gratidão às rodas e mestres/as das danças circulares sagradas. E gratidão a você, Célia Meira: pelo encantamento, pela brincadeira, pela criança que em nós habita e hoje foi convidada a brincar no Baile do Menino Deus.

“Viva o renascimento! Viva o baile! Viva a vida!” (Francisco de Assis Lima).

---

<sup>6</sup> O Menino-Deus aparece justamente como uma “encarnação” ou expressão dessa *criança mítica*.

## REFERÊNCIAS INSPIRADORAS

- AGAMBEN, Giorgio. **Infância e história: destruição da experiência e origem da história**. Belo Horizonte: UFMG, 2005.
- BARROS, Manoel. **Livro sobre nada**. 4. ed. Rio de Janeiro: Record, 1997.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia dos sonhos possíveis**. São Paulo: UNESP, 2001.
- \_\_\_\_\_. **Pedagogia da Autonomia – Saberes necessários à prática docente**. 5. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- GUGGENBÜL-CRAIG, Adolf. **O abuso do poder na psicoterapia; e na medicina, serviço social, sacerdócio e magistério**. Trad. Roberto Gambini. São Paulo: Paulus, 2004.
- KOHAN, Walter O. **Infância: entre educação e filosofia**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.
- JUNG, Carl F. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2003.
- LARROSA, Jorge. **Pedagogia Profana: danças, piruetas e mascaradas**. 4. ed. Trad. Alfredo Veiga Neto. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.
- \_\_\_\_\_. *Notas sobre a experiência e o saber da experiência*. **Revista Brasileira de Educação**, n.19, p.20-28, jan./abr. 2002.
- MATURANA, Humberto. *Brincar: o caminho desdenhado*. In: Humberto Maturana & Gerda Verden-Zöllner, **Amar e Brincar – Fundamentos esquecidos do humano, do patriarcado à democracia**, pp.219-246. São Paulo: Palas Athena, 2004.
- OSTETTO, Luciana. **Danças Circulares na formação de professores – A inteireza de ser na roda**. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2014.
- SANTOS NETO, Elydio & PAULO DA SILVA, Marta Regina. *Quebrando as armadilhas da “adulterez”: um diálogo sobre infância a partir de Giorgio Agamben e Paulo Freire*. **Revista Múltiplas Leituras**, v.1, n. 2, p. 111-123, jul./dez. 2008.
- WOSIEN, Bernhard. **Dança – Um caminho para a totalidade**. São Paulo: Triom, 2000.